

Redacção e administração
R. de S. Martinho

Aveiro

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO,

EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 221

Assignaturas
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os srs. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

4.º Anno

OS DEPORTADOS DO 18

Estão a chegar os pobres soldados, victimas da tyrannia do poder. Ou devem ter chegado, á hora de se publicar este jornal.

Victimas da tyrannia do poder, ouçam bem. Sacrificados, como tudo n'esta terra, á defeza do regimen.

Accusou-se o ministerio da guerra de ter commettido uma illegalidade. Não. O ministro da guerra praticou um acto legal. Iniquo, despotico, attentatorio do direito? Sem duvida. Mas legal, em todo o caso. Eis ali a gravidade!

A gravidade d'este caso, a gravidade de todos os casos da vida nacional. Em regra, tudo quanto se faz entre nós está dentro da lei. Mas tudo é contrario á razão, á liberdade, á verdade, á justiça, ao direito. Gravissimol Peor, bem peor que a illegalidade.

E' dentro da lei que o juiz de instrucção criminal commette os mais graves attentados ao direito. Dentro da lei se prende um cidadão sem culpa formada, se julga summariamente e se deporta. Dentro da lei se faz contra a imprensa tudo quanto se quer. Dentro da lei se prendem militares innocentes, se mettem a bordo d'um navio e se mandam para as colonias, sem processo nenhum. Dentro da lei se archivam os processos dos militares criminosos.

O innocente condemnado, o criminoso absolvido, dentro da lei. Dentro da lei! Dentro da lei! Esta é a immensa gravidade do caso.

Diz o art. 84 do *Regulamento Disciplinar do Exercito*:

«Nos casos de manifestações collectivas de indisciplina, de natureza muito grave, todos os cabos e soldados envolvidos n'esses actos de insubordinação podem ser transferidos immediatamente para as provincias ultramarinas, se o ministro da guerra assim o julgar necessario á ordem e subordinação da força armada.»

Isto é clarissimo.

Com pasmo vimos juriscosultos, magistrados, juizes da Relação e do Supremo Tribunal de Justiça demonstrar, na camara dos pares, a mais completa ignorancia das leis militares do paiz.

O sr. ministro da guerra proceden com toda a legalidade. Uma coisa é infracção de disciplina, outra coisa é crime militar. A infracção de disciplina não tem processo regular. Resolve-se pelos preceitos do *Regulamento Disciplinar*.

Ora o sr. ministro da guerra considerou a manifestação de Infantaria 18 uma manifestação collectiva de indisciplina, de natureza muito grave. E que foi uma

manifestação collectiva de indisciplina, não ha duvida nenhuma. E de natureza muito grave, tambem não.

Julgou o ministro da guerra necessario á ordem e subordinação da força armada transferir immediatamente para as provincias ultramarinas todos os cabos e soldados envolvidos n'essa manifestação. E transferiu-os immediatamente.

Não estava o ministro da guerra dentro da lei? Estava.

Mas entre os cabos e soldados havia innocentes, gritava-se, clamava-se. Evidentemente. Mas ollas para a lei. Mas vêde esse artigo do *Regulamento Disciplinar*. A lei diz: «todos os cabos e soldados envolvidos n'esses actos de insubordinação.»

TODOS, vêde bem. TODOS, innocentes e criminosos. Quem estava envolvido, quem não estava? TODOS. Era o monte. Assim se entende na vida militar. Assim o permite a lei. Assim se faz.

Mas o que é ultrajante da justiça e do direito é que a lei permitta essas monstruosidades. Isso é que é gravissimo. E esse ponto é que ninguem trouxe á luz, é que ninguem levantou, é que ninguem discutiu.

Que um ministro commetta monstruosidades fóra da lei, é o menos. E' um abuso. E um abuso posterga, mas não annulla direitos. Que um ministro commetta monstruosidades dentro da lei, é que é sério. Sério, temível, perigoso!

Todos queriam que o sr. Pimentel Pinto houvesse sahido da legalidade. Não. Não sahii. E' um erro levar a questão para esse lado. E' desconhecer o mal. E' não vêr o perigo. O perigo ficou. O mal repete-se amanhã. O sr. Pimentel Pinto podia ter sido mais brando, mais benevolo, mais humano. Mas podia fazer o que fez. E este é o ponto culminante. Isto é tudo.

Parte essencial que ninguem viu, outra vez o dizemos. Que ninguem vê. Ou quem vê, cala-se.

Falamos nós. Mas de que vale nós falarmos? A nossa voz não se ouve. A imprensa portugueza está em Lisboa. Está no Porto. Não está em mais parte nenhuma.

O ministro da guerra está dentro da lei condemnando innocentes, como está dentro da lei absolvendo criminosos. E condemna uns e absolve os outros summariamente, despoticamente, sem dar contas, sem ter obrigação de as dar a ninguem.

São as leis d'este paiz! Diz o art. 376, regra 1.ª, do *Codigo de Justiça Militar*:

«Se os factos constantes do processo constituirem crime previsto e punido pelas leis militares, e houver prova ou indicios de culpabilidade contra alguma pessoa sujeita á jurisdicção dos tribunales militares, o com-

mandante da divisão mandará instaurar a accusação, se não houver inconveniente para a disciplina.»

Isto é, um militar commette um crime. Procede-se á formação da culpa. Chega o processo ás mãos do general. E o general, por maiores provas ou indicios que haja contra o criminoso, manda archivar o processo, se vir que d'elle resulta INCONVENIENTE PARA A DISCIPLINA.

Olhae a lei! Não tenhaes duvidas.

E já não é preciso ser ministro da guerra para fazer isso. Basta ser general. Basta comandar uma divisão.

Isto é monstruoso. Isto excede tudo.

E falava-se da França, a proposito de Dreyfus!

Em Portugal, em pleno seculo vinte, está a disciplina militar, ou uma pretensa disciplina militar, acima da verdade, acima da razão, acima do direito, acima da justiça. Em nome d'ella podem ser castigados duramente os innocentes. Em nome d'ella podem ficar impunes os grandes criminosos.

Mas d'onde veem tamanhas, tão flagrantes, tão revoltantes monstruosidades?

Ninguem se dá ao trabalho de indagar. Ninguem quer meditar. Ninguem vê a razão suprema d'isto tudo. Ou, aqui como além, quem vê cala-se e não diz.

A razão d'isto já nós a dissémos um dia. A razão d'isto é que todos os actos, todos os esforços, todas as leis, teem um fim unico: defender a monarchia.

N'um grupo de soldados soltam-se vivas á republica? Vão todos os soldados para a Africa, sem processo, os que soltaram e os que não soltaram os vivas. E' preciso cortar o mal pela raiz. Dê-se o exemplo terrivel, corte-se o mal pela raiz, soffra quem soffrer, morra quem morrer. Por isso, só por isso, isto é, pelos vivas á republica, foram para a Africa, em nome da disciplina, os desgraçados soldados de infantaria 18.

Um general, um *gros bounet*, um esteio do throno commetteu um crime? Fique o esteio do throno em paz, porque abala-lo seria abalar a disciplina.

O *Regulamento Disciplinar do Exercito* foi subordinado a um fim supremo: defender a monarchia.

O *Codigo de Justiça Militar* foi subordinado a um fim supremo: defender a monarchia.

A lei de reunião, de associação foi subordinada a um fim supremo: defender a monarchia.

A lei eleitoral foi subordinada a um fim supremo: defender a monarchia.

A lei de imprensa foi subor-

dinada a um fim supremo: defender a monarchia.

E assim a lei que creou o juizo d' instrucção criminal. E assim tudo.

Em Portugal ha o rei. E abaixo do rei os seus creados.

Mais nada.

JORNAES

A *Revista*, mensario de sciencias e letras que se publica no Porto, publicava no seu ultimo numero umas curiosas cartas de Anthero do Quental ao general Henrique das Neves, entre ellas uma sob o journalismo, que O *Mundo* transcreveu.

«Mas deixe-me dizer-lhe, escrevia Anthero do Quental, — e n'isto é que não é sufficientemente philosopho objectivo — que labora em illusão suppondo que é possível criar e fazer durar uma publicação superior em moralidade e illustração ao nivel moral e intellectual do publico.»

Não ha duvida. E' uma grande verdade. Mas se não é possível fazer durar uma publicação superior em moralidade e illustração ao nivel moral e intellectual do publico, tambem não é possível fazer durar uma que seja inferior a esse nivel.

Aquelles dos nossos periodicos que não se mantem, estão superiores, ou inferiores, ao nivel moral e intellectual do publico?

Eis a questão.

Mesmo que estejam superiores, não serão victimas, alguns d'elles, do descredito creado por outros da mesma natureza politica? Do descredito que sobreveio ao partido politico que elles dizem representar?

Pelo que toca aos jornaes republicanos, parece poder-se responder affirmativamente. Os jornaes republicanos tiveram uma grande tiragem e surgiram logo com vida prospera e feliz. Quem escreve estas linhas assistiu aos primeiros annos da vida do *Seculo*, quando esse jornal tinha a brilhante collaboração de Alexandre da Conceição, Augusto Rocha, José Falcão, Rodrigues de Freitas, Latino Coelho, Theophilo Braga, etc. O *Seculo* manteve-se desde a primeira hora desafogadamente e, com mais ou menos celeridade, progrediu sempre.

Estava superior ao nivel moral e intellectual do publico? Não, porque o publico lia-o. O *Seculo* subiu então, e, mais ou menos, desce agora, e descera com rapidez em poucos annos.

Os jornaes republicanos que vieram depois é que estavam, não superiores mas inferiores a esse nivel, uns e outros, aliás bem re-digidos, soffrem as consequencias

do profundo descredito que os erros dos partidarios republicanos, erros applaudidos, sancionados, pela imprensa, accarretaram sobre o partido.

Se quiserem ir para cima hão de readquirir, primeiro, á custa de tempo, de sacrificios, de trabalho, a confiança perdida.

Creiam isto, e deixem-se d'illusões, se não querem perder tudo.

Cartas d'Algures

30 DE OUTUBRO.

Hoje, como ha sessenta annos, — dizia um prezado amigo nosso n'uma série de magnificos artigos publicados ha annos na *Vanguarda* — a situação do povo é a mesma: sem instrucção e sem pão.

Precisamente: sem instrucção e sem pão!

Na primeira decada d'este seculo, em cada dois mil recrutas só dois sabiam ler. Ao fim de 70 annos de constitucionalismo, em cada 100 habitantes ha 90 analfabetos. Este é o grande crime da monarchia constitucional!

Ha dias, o *Tempo* — pelo que vimos em outros periodicos, que o *Tempo* é jornal que não apparece n'esta redacção — attribua, pela penna talvez do sr. Dias Ferreira, á indifferença do povo a culpa dos nossos males. Extranhavel irreflexão, em espirito tão lucido e tão penetrante como o do sr. Dias Ferreira. O *Norte*, o *Debate*, o *Mundo*, e não sabemos se outros jornaes republicanos, contestaram, e muito bem. O que ha de fazer o povo, se o povo portuguez está irmanado com os irracionaes?

O sr. capitão Homem Christo referia ha dias, n'uma publicação publica, um dicto muito intelligente d'um soldado, que define admiravelmente o estado mental das multidões.

Era em Coimbra, no regimento de infantaria 23. Aquelle offical ministrava o ensino das letras a um grupo de recrutas analfabetos da sua companhia. E n'um momento de cansasso, vindo que os homens não assimilavam bem uma lição, apesar de ser explicada com bastante clareza, exclamou: «Mas, afinal, que differença ha entre vocês e o porco?» Apoz breves instantes de silencio, um soldado respondeu: «Nós, em proporção, ainda estamos abaixo do porco, meu capitão.»

Surprehendido, o offical replicou: «Porquê?»

— Porque o porco não tem necessidade de saber e nós temos. E porque entre os porcos não ha differenças; são todos eguaes. E entre os homens é vêr vossa senhoria e outros e vêr-nos a nós.»

Dicto admiravel, que revelou desde logo a intelligencia do recruta, que veio a ser, de facto, um dos mais expertos e dos que mais aproveitaram.

Se o sr. Dias Ferreira vivesse com soldados, se corresse Portugal a estudar as camadas profundas da nação, não tomaria ao povo, a esse que, na verdade — particularmente nas aldeias, nos bur-

gos, nos casaes—está inferior ao porco, a responsabilidade da situação politica e economica do paiz.

Essa responsabilidade pertence toda ás camadas dirigentes, a essa grande minoria que explora infamemente a grande maioria. Sempre o temos dicto aqui. Ha muitos annos que o dizemos.

E se grande crime tem sido o da monarchia constitucional, crime de que se não lava, ter mandado o povo, com pouca differença, na mesma ignorancia em que vegetava ha setenta annos, não tem sido menor crime manter a exploração odiosa e infame, a exploração de casta, dos tempos do absolutismo.

No tempo de D. Maria I, o Marquez de Angeja, senhor de Angeja, Bemposta e Pinheiro, conde e senhor de Villa Verde dos Francos, do conselho d'estado e de guerra, gentil homem da real camara, tenente general, ministro adjunto ao despacho do gabinete, presidente do real erario e n'elle logar-tenente da rainha, governador da torre de Belem, inspector geral dos armazens da Guiné e Índia e do arsenal real da marinha, inspector geral das obras publicas e do plano da reedificação da cidade, commendador nas ordens de Christo e S. Thiago, capitão general da armada real dos galeões do alto bordo do mar Oceano, ajuntava, diz Latino Coelho na sua *Historia Politica e Militar*, vinte e quatro mil cruzados annuaes com todos esses officios civis e militares.

O Pina Manique era desembargador, diz Oliveira Martins na *Historia de Portugal*, intendente geral da policia, administrador da alfandega de Lisboa, feitor-mór das alfandegas do reino, provedor da casa-pia, administrador das calçadas e da iluminação da capital e muitas coisas mais.

Acabou isso? Não. Continúa a mesma exploração infame. Abundam ainda os homens de sete empregos. Até temos generaes na Junta do Credito Publico!

Contra isso se revoltaram sempre os grandes espiritos d'esta terra. Mas debalde!

E' muito curioso, por exemplo, o discurso pronunciado por Borges Carneiro em sessão de 3 de novembro de 1821—faz depois de amanhã 82 annos e dir-se-ia, pelos factos apontados, que foi hontem—sobre a reforma dos foraes:

«Temos, emfim, chegado a tratar da agricultura, d'esta grande base da riqueza e da propriedade portugueza. Muitos meios para ella se inculcam. Dizem uns que é necessario muitas honras e privilegios e com effeito muitos as leis e os nossos reis lhe tem prodigalizado; e contudo a agricultura não prospera em Portugal.

Outros dizem: A decadencia da agricultura procede da ignorancia dos lavradores; estabelecem-se escolas de agricultura, haja codigos rurais, ensine-se a natureza dos terrenos e os tempos das sementeiras. Tudo isto vaidades!

Uma só cousa resta a fazer para que a agricultura prospere e o agricultor seja feliz: cumprir-se o que Deus mandou: *in sudore vultus tui vesceris pane*, o suor é teu, seja teu o fructo d'elle; cumprir-se o exemplo da syntaxe: *tibi aras tibi seris, tibi eidem melis*, para ti lavras, para ti semeias, para ti recolhes. Mas infelizmente tudo vae ao contrario d'isto.

A agricultura em Portugal é uma arvore plantada em excellente terreno; mas, desde a raiz até á sua extremidade cheia de musgo, que lhe chupa toda a substancia.

Essa matilha de junta de obras publicas, juizes, escrivães, engenheiros, feitores e beaguins das estradas do Alto Douro, do encanamento do Mondego e do Cava-do, do jardim botanico de Coimbra, é musgo. No exercito: tantos hospitaes militares, medicos, ci-

rurgioses, dispensatorios, pharmaceuticos, auditores, inspectores de revista, quartéis-mestres, ajudantes generaes, brigadas, divisões, commissariados: musgo. Na marinha: almirantado, junta da fazenda da marinha, tantos officios generaes quantos os botes no Tejo, direcção do pinhal de Leiria e suas resinas: musgo. No ecclesiastico: a patriarchal, capella de D. Affonso IV, meirinhos ecclesiasticos, exercito de frades e freiras, enxames de pedidores para captivos, terra santa, etc., cardumes de conegos e beneficiados, simplices, dotados de grossas rendas para resarem, isto é, para fazer o que todo o christão deve fazer de graça: musgo. Na administração publica: correge-dores, provadores, meza da consciencia, conselho da fazenda, junta de melhoramentos das ordens religiosas, desembargo do paço, almoxarifades, feitores e uma infinidade de empregados publicos, dependentes de outros que lhes tomam contas e com que se multiplicam as contabiliidades e as prevaricações: tudo musgo. Na ordem chamada politica: alcaides, môres, commendadores, senhores de terras, donatarios da corôa: tudo isto é musgo. Limpemos a nossa bella arvore bem limpa de todo esse musgo; a substancia que lhe está chupando a nutrirá e ella dará fructos abundantes.»

Musgo, parasitas, era o que era e é o que é.

Seni instrução é sem pão. Assim temos vindo e assim vamos. E não se attendem exhortações nem conselhos. E não ha protestos que valham.

Para maior desgraça, ao mesmo tempo que diminui o pão augmenta o vinho. Diz o protóquio que as palavras são como as cerejas: veem umas atraz das outras. E as desgraças tambem. Uma desgraça nunca vem só.

Encarecem o pão — e o mesmo é dizer diminuiu — mercê d'um proteccionismo escandaloso. E mercê do mesmo proteccionismo escandaloso diminuiu a carne, o peixe fresco, o bacalhau, o assucar. E mercê do mesmo proteccionismo escandaloso — que nos deixou sem tratados de commercio, que nos fechou os portos á exportação — augmentou o vinho. Dupla causa de enfraquecimento e morte!

O consumo do vinho e da aguardente tem crescido immenso no paiz. Ora o alcool é hoje a causa mais poderosa das degenerescencias phisicas, como de velha data é conhecido como uma das causas mais poderosas das degenerescencias moraes.

A tuberculose é muito maior no sexo feminino do que no sexo masculino. A mulher alimenta-se peor, está sujeita á gravidez, aos partos, á amamentação, está metida em casa, soffrendo mais demoradamente das más condições hygienicas da habitação, está mais em contacto com os doentes. Natural é, pois, que seja mais facilmente invadida pela tuberculose. Pois em Portugal morrem mais homens tycicos do que mulheres, dos 20 annos para cima.

Porquê? Porque aos 20 annos começa a bebedeira e a bebedeira supprime nos homens as causas de enfraquecimento na mulher.

Chega-nos n'este instante ás mãos o *Relatorio do Conselho Central e Parecer do Conselho Fiscal da Assistencia Nacional aos Tuberculosos*. Contém dados interessantes, sobre os quaes não nos podemos hoje demorar com considerações de qualquer ordem.

Mas por elle se vê que conserva ainda todo o seu rigor de verdade aquella conclusão, com que o sr. Silva Carvalho termina o seu relatorio, apresentado ao 2.º congresso da Liga contra a tuberculose, isto é, que se a natalidade continuar a diminuir, a mortalidade a conservar-se estacionaria e augmentar de novo a emigração, d'aqui a dez annos teremos no balanço demographico saldo

negativo ou deficit, o unico, diz aquella medico, que ainda nos faltava.

O unico, diz bem. Mas tambem esse ha de vir. No emtanto vae el-rei passear até Paris e a rainha até ao Cairo. E' verdade que a rainha é dedicada aos tuberculosos. Aquella historia — tão veridical — do coche social do *Looking Backwards*, que Pinheiro Chagas traduziu por *D'Aqui a Cem Annos*, de Eduardo Bellamy. Sua Magestade não quer perder o seu logar no tejadilho! Vae el-rei até Paris, e demorase lá.

Vae a rainha até ao Cairo, e por lá se demora tambem. Continuum as obras nos paços reaes. Já Borges Carneiro, que deve ser uma creatura desprezível para o sr. Hintze Ribeiro, trovejava contra ellas, no seu discurso de 24 de junho de 1821.

Tem os chefes politicos dez empregos para comerem a dez carrinhos.

Tem os seus engraxadores empregos tambem. Tem as suas amantes velludas, pederarias e ouro.

Então, que venha o novo deficit quando quizer.

A. B.

BRAVOI

O sr. Barboza de Magalhães mandou telegrammas para varios jornaes dizendo que offereceu no seu palacete uma *parabôca* aos seus amigos de Lisboa, Porto, Coimbra, Aveiro e Anadia.

Foi a festa da *rehabilitação!* Pois não vae lá.

Como não se explicou a tiros de pistola ou a golpes de sabre, quiz-se explicar a tiros... de champagne da Bairrada.

Não vae lá. Não vae lá.

Por mais palacetes que invente e por mais amigos que arranje.

Entre os amigos estavam os dos Balcões e o clero.

Tambem o Tinhoso? E o Barbita Russa?

Este era compromettedor, por causa das alimárias dos almoceves.

Provavelmente não foi.

Musica Nova

Tomou a direcção da phylarmonica *Aveirense* sr. João Pinho das Neves (Alleluia).

Folgamos em vêr este artista á frente d'uma corporação que estava decadente e que agora, devido aos incansaveis esforços do seu regente, vae entrando n'uma nova phase de progresso.

Fallecimento

Em viagem de Lourenço Marques para Lisboa, e nas alturas do golpho da Guiné, falleceu a bordo do *Malange*, que conduziu os deportados d'infanteria 18, o nosso amigo e patricio sr. Eduardo José Mendes Leite, que, na qualidade de empregado da Imprensa Nacional de Moçambique, regressava ao reino por conselhos medicos. Faz hoje precisamente um anno que o pobre rapaz para ali partira!

A todos os seus damos o nosso sentimento.

«Povo de Aveiro,»
Em Lisbon, vende-se na
na tabacaria Monaco.

Nada se parece mais com a injustiça do que a justiça tardia.

LABSTAIM.

Dr. Eduardo David

Falleceu em Vizeu, depois d'um prolongado soffrimento, o sr. dr. Eduardo Augusto David e Cunha, velho republicano e livre pensador, homem muito talentoso e erudito.

Deixou expresso que queria ser enterrado civilmente, vontade que foi cumprida. E n'isto foi mais feliz que o general Miguel de Figueiredo, homem de muito merecimento tambem, cuja vontade foi desrespeitada. Teudo deixado expresso em testamento que queria ser enterrado civilmente, enterraram-n'o religiosamente.

Será de admirar, á primeira vista, que houvesse n'aquella terra, hoje um fóco de reaccionarios, talvez a terra mais reaccionaria do paiz, dois homens de vulto que quizessem ser enterrados civilmente.

E' que o dr. Eduardo David e Cunha e o general Miguel de Figueiredo eram ainda da velha guarda liberal da cidade de Vizeu.

Ultimamente o dr. David tinha transigido um pouco com a reacção, o que lhe valeu a má vontade d'alguns elementos avancados de Vizeu. Esse facto explicou-se pelas circunstancias do meio, meio depravado, como não ha outro tão depravado em Portugal. Não transigiu tanto, porém, que não fosse aonde não são capazes d'ir quasi todos aquelles que o censuraram. Diga se em honra da sua memoria.

Quando o capitão Homem Christo registou civilmente o nascimento d'um filho em Vizeu, não faltaram republicanos ou socialistas a applaudi-lo. A par dos odios profundos que esse facto lhe creou, é claro, entre os reaccionarios d'aquella cidade. Nem um só dos faes republicanos ou socialistas, porém, imitou o procedimento do capitão Homem Christo.

Só o general Miguel de Figueiredo e agora o dr. Eduardo David tiveram a coragem de recorrer ao registro civil. D'onde se vê que, se o dr. David algumas vezes afrouxou deante da reacção não afrouxaram menos muitos d'aquelles que o censuraram.

O dr. Eduardo David, homem, repetimos, d'assignalado merecimento, além da cultura dos livros tinha a cultura das viagens. Esteve na India com Thomaz Ribeiro e n'outros pontos da Asia. Conhecia os principaes paizes da Europa, que percorreu estudando.

Era formado em medicina pela Universidade de Coimbra. Dirigiu o hospital de Vizeu, um dos mais importantes do paiz.

O *Povo de Aveiro*, que elle lia sempre com muito interesse, e o seu redactor principal, devem-lhe muitas provas de sympathia.

E', pois, com duplo pezar que registamos a sua morte, enviando a sua familia os nossos mais sinceros e fundos sentimentos.

Musica no Jardim

O programma que a banda do 24 executa hoje, da 2 ás 4 da tarde, no Jardim Publico, é o seguinte:

Ordinario. Pot-pourri da opera *Il Pagliacci* (Leoncavallo); Phantasia da opera *Tributo de Zamora*, (Gounod); *Fleur du Pré*, capricho (Reis); *Isabella*, ouverture (Suppé); *El Miserere*, Aria de tiple del 4.º acto da opera *Trovador*, (Verdi); *Cinira Polonio*, polka (Nicolau).

ASSUMPTOS LOCAES

A carta do padre não podia ser uma revelação, porque aquelle caracter estava revelado ha muito. E revelado com factos bem mais eloquentes do que este ultimo. Mas foi um documento de valor para juntar a tantos que já existiam.

Diz o padre, com a sem vergonha que o caracteriza, que os tempos eram outros, quando elle escreveu a carta. Pois eram, eram. Nós já o dissimos. N'esse tempo, o sr. dr. Manuel Homem de Mello poucos, ou nenhuns serviços ainda, tinha prestado a Aveiro. Não havia, pois, que reclamar a sua candidatura. Contudo, o padre não só a reclamava, com o servilismo a implorava.

Então, o simples facto do sr. Homem de Mello acceter a candidatura era um *novo serviço prestado á cidade e aos principios*. Hoje, que o sr. Homem de Mello está farto de prestar verdadeiros serviços, serviços reaes, serviços de valor, o padre não supporta a sua intervenção, *opportuna ou inopportuna* (são palavras do proprio padre em *coisas de Aveiro*). E enche-o de injurias e de lama, escondendo-se atraz do ignobil *Gabecinha*.

Abaixo, muito abaixo do Palma Cavallão, que tinha mais honrabilidade e decencia. Ao menos o Palma Cavallão não se escondia atraz de ninguém.

Um novo serviço prestado á cidade e aos principios. Quaes principios?

O padre diz agora que a sua carta representava um simples *pedido pessoal*, e que n'ella manifestava um simples *sentimento de amizade*, dirigido a um antigo *companheiro d'aulas*.

Então para que falon em *principios*? Não era má maneira de manifestar *simples sentimentos de amizade*.

Sempre o mesmo jesuita descarado!

Associava o seu pedido pessoal ao d'outros, mas em nome dos *interesses da cidade e dos principios*. Hoje, que os *interesses d'elle são outros* e que os *principios variaram*, não supporta a *intervenção opportuna ou inopportuna* do sr. Homem de Mello em varias coisas de Aveiro, e da carta da outr'ora fica apenas *pedido pessoal!*

Em tudo se revela a absoluta falta de caracter de que são dotados os socios da *Nova Corneta do Diabo*. Assim, a grande propaganda, feita por elles contra os srs. Mellos, assenta no facto d'aquelles cavalheiros não serem de Aveiro. Não haveria nada mais estúpido, se a essa propaganda presidisse alguma sinceridade.

Mas que não lhe assiste sinceridade nenhuma, que é uma torpe especulação e nada mais, revela-o, entre outros factos, a carta do padre. Seria o sr. Homem de Mello *filho da terra*, quando o padre lhe pedia, em 1899, que accettesse a candidatura por Aveiro? Hoje move-se ao sr. Homem de Mello uma guerra d'exterminio, e incita-se a canalha toda contra elle, por não ser *filho de Aveiro*. Mas era elle filho de Aveiro, quando o padre lhe escrevia, a pedir-lhe que accettesse a candidatura local, e a dizer-lhe que o simples facto de acceter essa candidatura era um *novo serviço prestado á cidade?*

Como se vê, a mentira, a hypocrisia, a falsidade, a especulação por todos os lados.

Toda a gentalha que rabisca a *Nova Corneta do Diabo* e que n'ella se inspira é uma verdadeira escoria. A peor escoria que nós temos conhecido.

São os *Réles* de Aveiro? São de Aveiro tantos outros que fazem parte da quadrilha? Não. São uns miseraveis que abordaram aqui sem eira nem beira, e que, bem ou mal, aqui se tem governado. Esses miseraveis tem, no entanto, a audacia de dar sentenças em Aveiro. E, sendo uns

borrbotas da peor especie, fazem parte da troupe dos *filhos da terra* e por estes são acolhidos como taes. Mas apparece um homem como o sr. Albano de Mello, ou como o sr. Manuel de Mello, e aqui d'el rei que devem ser corridos pela população da cidade porque não são *filhos da terra*. Assim o proclamam os proprios mariolões que vieram aqui engordar á nossa custa.

Olhem que é atrevimento. Atrevimento que, com franqueza, só a chicote se poderia castigar. E preciso que Aveiro tenha descido muito para aturar esses pelintras.

Como é *filho da terra* o sr. Jayme Lima, viva o sr. Jayme Lima, que não só nunca fez nada por Aveiro, como tem tentado, por vezes, prejudica-la. Viva o sr. Jayme Lima que aceitava como boa a supressão do districto, que julgava desnecessaria a existencia do regimento, para quem pouco importava que a barra funcionasse ou deixasse de funcionar. O sr. Jayme é o nosso amo, é o nosso morgado, é o nosso Grão Lama. Disponha o Grão Lama das nossas vidas e fazendas. E' senhor absoluto. Viva, pois, elle e vivam os lacaios que o seguem. Vivam os *Réles* e quejandos, vivam todos quantos são do seu partido, sejam de Aveiro ou não sejam. Basta serem lacaios d'elle para serem *filhos da terra*.

Morra o sr. Albano de Mello, morra o sr. Homem de Mello, morram, morram, por mais serviços que nos tenham prestado e nos possam vir a prestar, por... não serem *filhos da terra*.

Morram mesmo todos os *filhos da terra* que não sejam do partido do illustre director da *Nova Corneta do Diabo*.

Filho da terra é só o sr. Lima e quem elle quer que o seja.

Que grosseiros especuladores! Como já dissémos, Aveiro tem ainda, felizmente, apesar da decadencia, a altivez necessaria para repellir estes garotos. Se os não repelle a chicote nem por isso deixa de os repellir. Não haveria maior degradação que estarmos ás ordens dos *Tinhosos*, dos *Réles*, dos *Mijaretas*, dos *Chigas*, dos *Bichezas* e tantos outros. Isto é, da escória.

Não é já o sr. Lima só que nos quer mandar. São elles tambem. Até mais que o proprio sr. Lima. O sr. Lima é um inerte, como se sabe. Não serve para nada. Quem manda são elles. Quem manda no proprio sr. Lima. O sr. Lima, no fim de contas, faz cegamente o que pretende a turba-multa que o cerca. Não são por isso menores as responsabilidades do sr. Lima. Mas a ver-

dade é que acima d'elle estão os *Tinhosos*, os *Mijaretas*, os *Réles*, os *Cabecinhas*, os *Chigas*, e outros mais ou menos *tinhosos*, e mais ou menos *réles*. E' essa turba multa quem põe e dispõe. O sr. Lima sanciona. Uma especie de *poder moderador*!

Aveiro havia de supportar esse jugo? Jugo de imbecis? Jugo de garotos? Endoideceram!

Aveiro faz justiça a quem a merece, seja ou não seja *filho da terra*. Aveiro agradece os serviços que lhe prestem, seja quem for que lh'os prestar. Aveiro não se curva a Agueda, nem a Ovar, nem Anadia, nem a Ilhavo, nem a terra nenhuma do districto, mas tambem não offende, nem melindra nenhuma. Pelo contrario, o seu interesse, sem prejuizo da propria dignidade, é trata-las a todas muito bein.

E' isso o que tem feito e é isso, supponmos, o que continuará fazendo.

E' a unica conducta que as circumstancias aconselham.

Ai d'ella, se se deixasse arrastar pelos *jingostas* ignobeis!

Recreio Artístico

Consta que esta sociedade local realisa, no proximo dia 15 do corrente, corridas velocypedicas nesta cidade, em que podem tomar parte os socios e não socios do mesmo Recreio.

Publicações

No proximo numero daremos noticia das publicações recebidas.

Escola Industrial

Fernando Caldeira

Na proxima terça-feira, 3 do corrente, tem lugar a abertura da Escola Industrial, d'esta cidade, agora installada n'um magnifico edificio expressamente construido para esse fim.

Agradecemos o convite.

Padaria Ferreira

Communica-nos o nosso amigo sr. Antonio Maria Ferreira, proprietario da nova padaria, sita aos Arcos, d'esta cidade, que, de hoje em diante, fica o mesmo estabelecimento sendo gerido sob a firma commercial de A. M. Ferreira & Macedo, seu sobrinho.

O gracejo é necessario que alegre os indifferentes sem ferir os interessados.

Methodo João de Deus

Lê-se na *Resistencia*, de Coimbra:

«O sr. capitão Homem Christo, que está explicando no regimento de infantaria 23, desde o dia 12 do corrente, o methodo João de Deus aos officiaes e sargentos que o querem aprender, explica-lo ha aos professores d'instrução primaria, e mais pessoas que o não conheçam e o queiram conhecer, do dia 3 de novembro em diante, na escola parochial da Sé Nova, ás seis horas da tarde.

São para louvar os esforços do sr. Homem Christo pela vulgarisação de um methodo, que, por não ser conhecido, foi digitado pelas duas camaras com uma unidade de opiniões de enternecer.

Mais detidamente nos referiremos a este assumpto no proximo numero.»

A NOSSA CARTEIRA

Vimos hontem n'esta cidade o sr. Avelino Dias de Figueiredo, vereador da camara municipal e conceituado pharmaceutico d'Eixo.

Regressou da Costa Nova a esta cidade com sua familia, o nosso amigo sr. Augusto Guimarães.

Vão começar brevemente os trabalhos do quartel.

Foi encarregado dos serviços de carpintaria o sr. João da Silva Junior, mestre d'abras d'aqui.

As extorsões do fisco

Diz o nosso collega *O Debate* que a um hespanhol, de nome Manuel Gonzalez, natural de Huelva, vindo ha dias á feira de Castro Verde, foi, perto do logar de Entradas, intimidado pelo soldado n.º 338 da 5.ª companhia da guarda fiscal a entregar-lhe o tabaco hespanhol que trouxesse consigo.

Como o homem respondesse que apenas tinha uma onça de tabaco portuguez, o guarda revisitou-lhe minuciosamente as algibeiras, encontrando n'uma d'ellas um pouco de tabaco solto, á mistura com poeira e cotão.

Triumphante, o guarda vociferava contra o *terrivel contrabandista*, e, apesar dos protestos da victima, que affirma ser tambem portuguez aquelle tabaco, autôo o pobre estrangeiro, que teve de pagar 25000 réis de multa para evitar o ser preso e conduzido a Reja, perdendo assim a feira a que vinha fazer o seu negocio.

Note-se agora que esse tabaco, pesado de mistura com a poeira

e com o colão, pesava a ridicularia de 2 grammas, e foi avaliado em 9 réis, como consta do recibo n.º 2, caderneta n.º 41, passado pelo referido soldado em data de 16 de outubro.

Ha quem chame *revoltante* a este facto, que é um d'esses roubos, uma d'essas violencias com que as estações fiscaes, ao serviço mais de syndicatos poderosos do que dos interesses da propria fazenda nacional, afugentam do nosso paiz os estrangeiros, que tem mais inedo de vir a Portugal do que de ir ás montanhas da Calabria.

Nós não lhe damos o mesmo nome, porque achamos tudo isso muito natural n'um regimen como este da confusão de erarios, em que qualquer que detenha uma infima parcella de auctoridade se julga logo um dictador absoluto que não tem a quem nem a que dar satisfações dos seus actos.

Uns para engrandecer o poder real, outros para engrandecer os erarios de grandes syndicatos, outros para rechearem os proprios bolsos, todos, desde os mais altos poderes do Estado até aos mais insignificantes cabos de policia, vexam e defraudam impudentemente a quem tem a desgraça de lhes cahir debaixo das garras.

Por isso, em vez de commentar esta vergonhosa exacção, nos limitamos a relata-la, accrescentando-lhe apenas o já lendario:— *somma e segue!*

Já foi approvedo o uniforme para os empregados da fiscalisação dos impostos, que, segundo dizem, não prima pela elegancia. E' parecido com o dos policiaes civis, com excepção do bonet, que se parece muito com os do exercito francez.

O uso do uniforme é obrigatorio em seralço.

Um coveiro ladrão de batatas

O coveiro de Senftenberg, na Allemanha, foi surprehendido quando roubava batatas.

Temendo perseguições da auctoridade, enforcou-se, depois de haver aberto a sua propria cova.

Deixou um bilhete com as seguintes palavras: «Eis o que succede a um coveiro a quem os negocios não correm bem. Cavei o meu tumulo tendo muito tempo para fazer este trabalho. Adeus!»

E partiu para a viagem final. Morreu com espirito o homemsinho!

tas, e lembre-se a gente do muito que elle devia á inquisição, que o fizera seu familiar, sem sem lhe averiguar a raça, até á quarta geração, condicional indispensavel na investidura d'aquelle honra, honra n'este mundo, e segurança na conquista do outro, vista a somma de indulgencias com que os papas alimpavam a consciencia d'estes esbirros do santo officio.

Desculpe-se-lhe ainda a feia culpa em desconto da malquerença e odio com que os seus collegas lêram o seguinte soneto:

«Um, dois, tres, vinte, trinta, oitenta, cem, Mil, dez mil, vinte mil, seiscentos mil, Milhares de milhares (São frei Gil!) Quem poderá contar quantos cá vem?»

«Tanta gente sem conhecer ninguém! (1) Más caras! ruins aspectos! fórma vill! Nunca elles são de genio mais subtil, «Se a cara testemunha o que ellas tem.

«Ah! sim; já sei; uns mata-sanos são D'aquelles asneiros que por ahí ha, «Que não sabem escolher o mal do bom.

«Ab! quantos burros ha! (mais de um milhão?)

«Que sem saberem lêr o b a—Bá, «Curam e matam por hi sem tom nem som?»

Agora, vamos, por algum tempo, deixar Braz Luiz de Azevedo com as suas prosas, com os seus poemas, e

(1) Os versos errados é necessario desculpal-os tambem á santa indignação.

«A VERDADE»

Muito brevemente começará a publicar-se em Lisboa um semanario independente, politico, litterario e artistico, cujo nome serve de epigraphe a esta noticia.

A *Verdade*, que não mantem compromissos de especie alguma, seja com quem for, propõe-se cumprir o programma que a si proprio traçou, narrando os factos taes elles são, d'oa a quem doer, e patenteando ao publico, os que, abusando da tradicional brandura dos nossos costumes, se abrigam d'ella, tripudiando com a impunidade.

A *Verdade*, que terá collaboração dos principaes escriptores e caricaturistas contemporaneos, tem a redacção e administração na rua da Barroca, 85, 1.º, para onde póde, desde já, ser dirigida toda a correspondencia.

A *Verdade* publicará uma secção de absoluta novidade, intitulada *as Ruas de Lisboa*, na qual será criticado tudo o que, de mais interessante, occorra nas ruas da capital e nos estabelecimentos d'ella, e em folhetins o sensacional e empolgante romance feminista de Prévost *Cartas d'Amor*.

Cada exemplar do novo semanario, ao qual vacillamos uma brilhante carreira; custará apenas 10 réis, e por assignatura 150 cada trimestre.

Cambios

O cambio do Brazil sobre Londres está a 12 3/32.

Libra no Brazil: 195844 réis; em Portugal, 55620 réis.

Valor de 100000 réis fracos no Brazil, 283130 réis fortes.

Mercado de Aveiro

Os preços dos generos porque correm no mercado d'esta cidade, são os seguintes:

Feijão branco.....	720
» encarnado.....	900
» manteiga.....	650
» amarello.....	650
» mistura.....	500
» caraça.....	800
» frade.....	520
Milho branco.....	580
» amarello.....	560
Trigo gallego.....	13060
» tremez.....	960
Aveia.....	500
Cevada.....	640
Centeio.....	600
Batatas, 15 kilos.....	330
Ovos, duzia.....	200

Atenção

João Francisco Pedro, estabelecido no logar do SOL-POSTO, participa aos seus amigos, freguezes e ao publico em geral, que tem á venda carne fresca de porco, febras e rejeões, por preços muito favoraveis.

Agradece, desde já, a todos aquelles que o visitem, ajudando-o assim a viver no seu humilde negocio.

(27) **FOLHETIM**
CAMILLO CASTELLO BRANCO
O OLHO DE VIDRO
(Romance historico)

Poeta e moralista

«Começa um d'estes archimistas a prometter e o pobre doente a pasmar. Se o achaque é um ethica marasmada, diz-lhe: senhor, eu faço uma agua tão portentosa e de tão infallivel virtude, para esta sua queixa, que não só é capaz de restaurar ethicos, mas de resuscitar mortos. O cardeal de Ronin em Pariz estava já mais magro do que um pisco em janeiro; tomou a mesma agua, e logo se poz mais gordo que um taralhão por agosto... E' verdade que lhe custou do seu porque este remedio para se compôr leva duzentas moedas de ingredientes. Se vossemecê quer que en lh'ofaça venham as moedas; e, se não se achar bom, não me dará nada pela cura. A isto responde o doente que é muito dinheiro—Bom remedio (torna o estrangeiro) faremos por ora só metade da cura, e não veni vossemecê a gastar mais do que cem moedas. Ainda é muito? Pois venham cincoenta,

Assim vae duvidando um e outro, e abatendo, até que o archimista para não ir de todo em todo sem dinheiro, para comprar as drogas se resolve a fazer a cura por duas moedas; mas pede segredo ao doente porque não quer fazer o seu remedio mal reputado. Vae para casa; põe a ferver dois almedes d'agua da fonte com um selamin de cevada, deita-lhe umas poucas de flores de papoulas, para tomar outra côr, e um arratel de assucar mascavado; compõe uma agua adocicada côr de fogo; enche quatro garrações bem tapados com cortiça e laore, e pilha duas moedas.»

Pro-egue Braz Luiz em muitas paginas em prosa e verso a critica zombeteira dos medicos mesinheiros, dos pseudo medicos, dos barbeiros, das benzedoras...

Concluo o extracto com uma amostra da prosa, e outra da poesia. Qualquer das coisas denota o entranhado fervor com que o medico portuense salia de frente contra os charlatões em favor da humanidade.

«Oh!—exclama elle—quantos e quantos medicos, lobos na condicção, estou eu vendo espalhados pelos reinos da nossa monarchia, que não sabem mais que roubar e matar!... São estes ladrões e matadores publicos todos aquelles que sem o serem se fingem medicos. Oh! miseravel e desgraçada medicina! Como vejo troca-

dos hoje os teus predicados nobilissimos! Já não és arte de curar, és atalho de morrer; já não emendas os vicios do corpo, extingue as virtudes da alma; já não és triumpho das queixas, és flagello das vidas; já não és sciencia, és ignorancia; já não és arte preclarissima, és claro e clarissimo latrocínio. Os teus methodos de curar são modos de viver; os teus aphorismos são gyrias; os teus textos são roubos; os teus remedios são mortes, e os teus brazões são sepulturas. Mas como não ha de ser assim, se são homens ignorantes e perdidos os teus professores? Fingem-se medicos os idiotas, os vagabundos, os judeus, os barbeiros, os soldados, os feiticeiros, os benzedores...»

E' christamente louvavel o affoutamento e desprezo com que elle entala os judeus entre os vagabundos e barbeiros; faz, porém, tristeza ver n'isto a ingratição com que elle mal-sina a raça d'aquelle Heitor Dias da Paz, que vinte annos antes lhe estabelecera a pensão no real collegio de S. Paulo. Entristece ainda mais que elle se não condão do pae de sua mulher, do avô de seus sete filhos, o hebreu desterrado, que, no dizer de D. Joseph, expirava exclamando:

«Dêem me um pouquinho de ar da minha terra, que eu não morrerei ainda!»

Desculpe-se o ingrato aos israeli-

com o locupetatar-se, por justo effeito da sua grande nomeada. Não cuidem que elle, á similhaça dos poetas, de seu natural perdularios e desinteressados, tem em conta de pouco a paga das suas visitas. No tocante a estipendio de medicos, vejam como elle se declara: «Não faltam medicos na monarchia medica-lusitana, que por este modo viviam apostolicamente. Em muitas cidades, villas notaveis e povoações grandes d'este reino, é para os seus medicos muito pouco e sustento e immenso o trabalho. Na arithmetica medicinal d'esta monarchia, multiplicam-se as visitas, mas nunca se accrescentam as pagas: poucas vezes os medicos cuidam em sommar, porque nunca os doentes chegam a repartir. Trabalhar todos os dias, levantar-se a qualquer hora da noite, subir e descer escadas, ouvir queixas, soffrer impertinencias, examinar cloacas, receitar remedios, e revolver livros, isto sim; que para isso é burro: receber pagas, cobrar partidos, recolher avenças, e embolgar estipendios, isso não, que por isso é asno.»

Engenhoso modo este de avisar os seus doentes remissos na paga, não por attentos cartas no fim do anno, mas por tres paginas de um livro *in folio*, das quaes traladei algumas linhas, em obsequio aos medicos do tempo d'agora, e censura aos doentes que não pagam. (Contin.)

Bibliotheca HORAS ROMANTICAS

Collecção de obras litterarias e scientificas notaveis, dos melhores auctores, antigos e modernos, nacionaes e estrangeiros

UM RÉIS CADA VOLUME

ROMANCE, POESIA, THEATRO, ARTE, HISTORIA, CRITICA

Edições esmeradamente revistas, traducções confiadas aos melhores escriptores, obras de auctores antigos e contemporaneos

PUBLICAÇÃO MENSAL AOS VOL. DE 160 A 200 PAG.

100 réis o volume

Cada pagina de leitura por menos de um real

IDÉA E FINS DA PUBLICAÇÃO

O fim d'esta publicação é o de concorrer para que o povo portuguez conheça a sua litteratura e a dos outros povos, por meio da vulgarisação d'obras primas tornando-as familiares e necessiveis a todos. Da nenhum outro modo poderia a Bibliotheca Horas Romanticas conseguir este seu principal objecto, que não fosse o de se facilitar ao alcance de todas as fortunas, pelo seu preço baratissimo.

A Bibliotheca Horas Romanticas publicará de cada auctor, o mais selecto, o melhor, o que é indispensavel ser conhecido. O seu formato será elegante, commoda e portatil. Abundantissima a leitura de cada volume. A sua barateza inexcusavel.

E' nosso empenho conseguir que a Bibliotheca Horas Romanticas seja tão instructiva como delectosa; que os seus livros possam chegar ás mãos de todos constituindo em todas as familias e em todas as corporações associativas uma encyclopedia consoladora, a qual todos estimem e tragam frequentemente manuseada. Os volumes da nossa Bibliotheca offerecerão a facilidade de serem lidos durante os intervallos das diversas occupações quotidianas de cada leitor. A Bibliotheca Horas Romanticas será uma collecção preciosa de verdadeiras obras primas.

VOLUMES PUBLICADOS

N.º 1 a 8.—«Quo vadis?» por Henry Sienkiewicz.—N.º 4.—«Vida e aventuras de Lazarillo de Tormes», por Diego Hurtado de Mendoza e H. de Luna.—N.º 5.—«Eulalia Pontois», por F. Soulié.—N.º 6.—«A amoreira fatal», por E. Berthet.—N.º 7.—«O Senhor Eus», por Salvatore Farina.—N.º 7a e 7b.—«O fogo», por Gabriel d'Annunzio.—N.º 8.—«Carieias d'uma noiva», Bjornstjerne de Bjornson.—N.º 9.—«Palavra de soldado», por Joige Elwall.—N.º 10.—«A pelle do Leão», por C. de Bernard.—N.º 11 a 13.—«A morte dos Deuses», por Deniry de Marejowsky.—N.º 14.—«A corda do carrasco», por Petosi.—N.º 15.—«Idyllis á beira d'agua» (2.ª edição), por Alberto Pimentel.—N.º 16.—«Terras malditas», por V. B. Ibanoz.

Remette-se qualquer d'estes volumes, FRANCO DE PORTE, a quem enviar a sua importancia á «A Editora» (antiga casa David Corraç) —Largo do Conde Barão, 50 —LISBOA.

ANNUNCIOS

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para açougue nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de couros, em leilão todas as segunda-feiras ao meio dia, em lotes correspondentes á matança de cada dia.

As condições estão patentes no acto da arrematação.

Venda de sebo, tripa, sangue secco para adubos, estrume, etc.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

METHODO JOÃO DE DEUS

Cartilha Maternal ou Arte de Leitura, (1.ª parte) approvada pelo governo, 16.ª edição, br. 200 réis; cart. 300 réis.

Deveres dos Filhos, (2.ª parte ou 2.º livro de leitura), br. 200 réis, cart. 300 réis. 16.ª edição app. pelo governo.

Album, ou livro contendo as lições da CARTILHA, preço 53000 réis.

Quadros parietaes, ou as mesmas lições da CARTILHA MATERNAL em 35 cartões, preço, 63000 réis.

Arte de escripta, nove cadernos, a 30 réis; collecção, 270 réis.

O Methodo de escripta, vende-se aos GADERNOS ou ás COLLECÇÕES.

DO MESMO AUCTOR

A Cartilha Maternal e o Apostolado, (celebras polemicas sobre a cartilha, questões de pedagogia), 1 vol. de 280 paginas, preço 500 réis.

A Cartilha Maternal e a Critica, (2.ª parte das questões sobre o prologo do dr. Trindade Coelho, 1 vol. de 372 pag. 500 réis.

Prosas, (narrativas, cartas, prologos, criticas, etc., coordenadas pelo dr. Theophilo Braga, 1 vol. de 745 pag., br. 800 réis.

Campo de Flores, Braga, um elegante volume de 525 pag., com dois bellos retratos do auctor, preço, br. 700 réis.

Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.

Guia theorico e pratico da Cartilha Maternal, (obra indispensavel aos que ensinam a ler pela arte de leitura de João de Deus), 160 réis.

Os altos principios do Methodo de João de Deus, 300 rs

Todas estas obras escolares (de leitura e escripta) do methodo de João de Deus acham-se approvadas pelo governo e encontram-se á venda nas principais livrarias de Portugal. Descontos para revender os do costume.

Os municipios, directores de collegios e professores de escolas tambem terão descontos especiaes.

Pedidos ao deposito geral das obras de João de Deus, Largo do Terreiro do Trigo, n.º 20, 1.º — LISBOA.

Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer explicações acerca das obras escolares de JOÃO DE DEUS, podem dirigir-se á viuva do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos), rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), Lisboa, aonde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando o referido methodo.

CONSULTORIO DENTARIO DE THEOPHILO REIS
Cirurgião-dentista pela Universidade de Coimbra
Extrahe, obtura, colloca dentes e encarcera-se do concerto de dentaduras
R. DIREITA, 68, 1.º Aveiro

BAGAÇOS ALIMENTARES
Vendem-se na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos as melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA DA ACREDITADA FABRICA "PFAFF."

Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN

São estas as melhores machinas de costura

- A machina «PFAFF» para costureiras.
- A machina «PFAFF» para alfaiates.
- A machina «PFAFF» para modistas.
- A machina «PFAFF» para sapateiros.
- A machina «PFAFF» para seleiros.
- A machina «PFAFF» para corrieiros.
- A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambraia ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Esino gratis. Garantia illimitada.
A prestações e a dinheiro com grandes descontos.
Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.
Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.
Conserta-se machinas de todos os systemas.

Peçam catalogos illustrados que se remetem gratuitamente.
Pedidos a José Maria Simões & Filho

ANADIA — SANGALHOS

LIVRO COMMERCIAL

TRATADO DE CONTABILIDADE

Pelo guarda-livros RICARDO DE SÁ

Chefe da contabilidade do Banco Nacional Ultramarino. Ex-professor proprietario da 5.ª cadeira do Athenaeo Commercial de Lisboa Perito ante os tribunaes Commercial e Civil. Publicista

E sobejamente conhecido em todo o paiz o nome do auctor para que precisemos recomendar o valor d'esta obra, indispensavel ao commercio e á industria em geral.

Esta obra compôr-se-ha aproximadamente de 50 fasciculos de 16 paginas a 30 réis.

Assigna-se na «A EDITORA», Largo do Conde Barão, 50 — LISBOA; e no Porto, na Livraria Chardron de Lello & Irmão, Rua dos Clerigos, 95 e 98, e em casa de todos os seus agentes das provincias, ilhas e ultramar. Envia-se o fasciculo specimen a quem o requisitar.

RUDIMENTOS DE AGRICULTURA

POR ANTONIO X. PEREIRA COUTINHO

LIVRO APPROVADO NO ULTIMO CONCURSO PELA DIRECÇÃO GERAL D'INSTRUCÇÃO PUBLICA

PREÇO PELO CORREIO, 280 RÉIS

A' venda em todas as livrarias do continente, ilhas e ultramar, e na CASA EDITORA

LIVRARIA AILLAUD
Rua do Ouro, — 242-1.º LISBOA

A NOVA PHASE

DO **SOCIALISMO**

POR JOÃO DE MENEZES

A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 153, rua da Prata, 160 — LISBOA.

Preço 200

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas teem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL CONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 10 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.
Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria. Chapéns para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.
Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).
Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.
Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.
Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).
Flôres artificiaes e cordas funerarias.
Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B. — Não se aviamencommendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.